

*André*



*André*  
Óscar Senra Gómez

# Índice

Ålesund, 1972 | 13

Adina, 1972 | 17

2022 | 21

Epílogo | 149

Agradecimientos | 151

(...)  
*There is fiction in the space between  
You and everybody  
Give us all what we need  
Give us one more sad sordid story  
But in the fiction of the space between  
Sometimes a lie is the best thing.*

“Telling Stories” – Tracy Chapman

*Às vezes só a mentira salva*  
“A hora da estrela” – Clarice Lispector

Para Pablo

## Ålesund, 1972

Hulda reage instintivamente logo que Age abre a porta da rua para fechá-la de seguida com rudeza, sem nem se despedir, como é habitual. Seca as mãos no pano e ordena mentalmente os seguintes passos que vai dar. Dispom de toda a manhã, ele só retornará de trabalhar no porto ao meio-dia, comerá e irá de novo, apressado. Nem sequer deve cozinhar, aproveitará os restos do dia anterior. Tira o avental e pendura-o no fecho da janela, da qual olha a rua, seca, e o céu, carregado de nuvens escuras. Alisa a saia com força, varrendo partículas impercetíveis, vai para o corredor e observa-se no espelho de corpo inteiro, afaga cuidadosamente o cabelo com as palmas das mãos, não querendo estragar o novo penteado. Fita o seu reflexo e gesticula ensaiando uma convicção que se lhe resiste, não é pessoa de fixar a expressão do seu rosto de forma que fique estável e prolongada. Decide não se maquilhar. Procura na sapateira o seu melhor calçado, negro e brilhante, apesar de saber que a chuva o molhará e encherá de lama. É uma loucura. Apenas vai fazer uma compra, mas quer ir perfeita. É a sua celebração íntima de um desses eventos que sempre sonhou e ao qual não assistirá. Um filho não casa todos os dias, e, por muito que Age berre, ela vai participar de um jeito ou doutro.

Assim que acordou, escolheu a sua melhor roupa e dissimulou-a pondo por cima o avental. Foi também uma espécie de nova prova. Como é habitual, Age nem percebeu que roupa levava posta a pessoa com que convive e partilha leito nos últimos trinta anos. Já podia ir nua que ele teria ficado indiferente de igual jeito. Talvez na volta, com os sapatos novos cheios de lama, sinta arrependimento ou remorsos pelo que vai perpetrar. Em qualquer

caso, esse *depois* ainda não é, e a atitude do marido reforça-a na sua decisão. Apesar de sempre desconfiar da primavera e da sua intensidade, escolhe o casaco mais elegante e fino, um dos que pior a protegerá da iminente chuva. Vai à sala, ajoelha-se diante do enorme armário de madeira herdado dos avós e abre a última gaveta, introduz uma mão entre várias toalhas até topar um objeto duro e pequeno que extrai com cuidado. É uma velha caixinha de latão prateado. Poderia reconhecê-la entre centos de caixas diferentes sem necessidade de vê-la, só polo tato. A frialdade do metal, a asa apoiada numa espécie de sol cinzelado na tampa, o fecho inutilizado, a forma octogonal. Nela tudo lhe parece único no mundo, irrepetível. Recebeu-a da sua tia, que por sua vez a tinha recebido da sua avó. Desconhece o resto da história da caixa ou a sua antiguidade real. A tia negara-se a contar mais sobre ela, ao mesmo tempo que lha entregava como se estivesse a transmitir um segredo familiar, mas sem nunca contar-lho. Dela não pode desfazer-se. Levanta a tampa e vê brilhar os seus próprios segredos, os que nunca partilhou com Age e que vam financiar o presente de casamento para o seu filho mais novo. Desde que descobriu que Ålesund partilhava fuso horário com o novo país dele, não duvidou o que devia oferecer-lhe. Guarda as joias num pano, fai um nó e mete-o no bolso interior do casaco, onde também guarda dous papéis.

Assim que sai pola porta, o frio empurra-a de volta para dentro da casa e congela o seu ímpeto. Nada a vai deter agora. Respira várias vezes profundamente e sai de novo sem parar para pensar na temperatura, nas nuvens ou em Age. Caminha o mais rápido que pode sem chegar a correr. Mete as geladas mãos debaixo dos sovacos. Som dez minutos até à *Leonid Pantelåner Butikk*. Não é a primeira vez que recorre a ele, será, sim, a

primeira que o fai nas costas de Age. Confia em Leonid. Sem saber o porquê, o seu sotaque russo sempre lhe infundiu tranquilidade. Entra na pequena loja e lá está ele, numa posição inamovível, por detrás do humilde balcão repleto de objetos dourados e prateados aparentando grande valor, desprotegido ante potenciais roubos. Hulda nunca o encontrou noutro lugar ou noutra postura. Os óculos baixando-lhe polo nariz, ele subindo-os amiúde com o dedo indicador, o lápis na mão, e por debaixo dela o sempiterno caderno de capa amarela, apoiado na mesa de vidro que protege algum dos seus objetos mais valiosos. Quando a reconhece, fecha o caderno, sorri e apanha uma caixa de cartão de uma gaveta. Sem falarem, Leonid mostra-lhe o conteúdo da caixa enquanto ela pousa no vidro o pano. Hulda toma na mão o relógio da caixa e acarinha-o, ele desfai o nó do pano e pom à contraluz alguma das joias. Ela dá a volta ao relógio e percorre com um dedo a inscrição que lhe pedira, “Simen Fredberg”. Beija sobre o nome e devolve o relógio ao seu lugar. Leonid recorta papel pardo e embrulha a caixa segurando-a com fita adesiva. Quando termina, empurra-a para Hulda e dá-lhe uma caneta. Ela procura no bolso um papel cuidadosamente dobrado. Desdobra-o com parcimónia e copia na caixa o endereço. Força um sorriso, devolve-lhe a caneta e ele, sentindo a chuva que começa a cair, mete a caixa numa saca de plástico. Ela despede-se com a cabeça, contente de ter finalizado o primeiro passo da cerimónia sem dificuldade.

Agora só lhe falta chegar aos Correios. Por sorte fica bem perto. Ao abrir a porta vê como as primeiras pingas de água rompem a harmonia do negro dos seus sapatos. Já não se importa. Tampouco com o frio. A sua íntima celebração culminará em breve e tampouco sabe quando voltará a ter a oportunidade de utilizar esses sa-



patos. Abraça o pacote contra o peito para protegê-lo o melhor possível e desata a correr. A água escoalhe pola cara, nota como penetra no seu cabelo, desfazendo o penteado, alegra-se de não se ter maquilhado e corre ainda mais veloz. Chega à porta dos Correios abafada. Entra e, por sorte, não há ninguém conhecido. Respira aliviada, seca-se minimamente com o pano e dirige-se a um homem vestido de carteiro, que a observa com uma mistura de curiosidade e repreensão. O segundo e último passo da cerimónia é mais caro do que previra, mas o dinheiro alcança e o pacote já não está nas suas mãos, desaparece nas desse homem que mal tenta disfarçar gestos de censura. Só quando sai de novo à rua é que leva a mão ao bolso interior, de onde extrai primeiro o papel com o endereço do filho, Simen, e depois outro, a carta com as poucas frases de felicitação que fora capaz de lhe escrever. Com os nervos, esquecera de metê-la no pacote.

## Adina, 1972

A noite anterior decidira chegar cedo e agora arrepende-se, decepcionada. Sandra deseja participar mais ativamente. Adoraria penteá-la, ajudá-la com a maquilhagem, falar com ela. Mas não lho permitem, apenas pode estar ali como estátua. Elisa nem sequer deve saber que está ali. À espera. Quanto mais tempo decorre, maior é a certeza de que a Elisa não lhe dixeram nada da sua presença na casa. Suspira e estica as pernas para rever as meias. Em perfeito estado. Pola quinta ou sexta vez, levanta-se um pouco e passa as mãos pola saia para evitar que se lhe formem rugas. É demasiado curta para a sua tia. O olhar desgostado dela atingiu-a logo que entrou pola porta essa manhã. Não fôrom necessárias palavras para sentir-se censurada, incómoda e restringida ao sofá. Elisa é a sua prima favorita, ainda diria mais, é a sua amiga. Seguiu o romance com Simen desde o início, lá no mercado da Pedra em Vigo. Como se conheceram, como falavam, mal se compreendendo. Percebiam-se bem as faíscas no ar quando estavam perto um do outro. A fogueira tinha de prender, sim ou sim. Nesse instante, nenhuma das duas previra que a família rejeitaria em uníssono esse romance com um desconhecido marinheiro, ainda por cima estrangeiro. Elisa manteve-se firme e os pais só acedêrom a que casassem quando a gravidez dela era evidente.

Aguça o ouvido. A voz do tio alça-se sobre a enganosa tranquilidade da casa. Distingue com claridade uma única frase, “antes de casares, o meu último presente”, e depois um golpe seco. O tio desce as escadas portando um sorriso aterrador e vai-se embora da casa com passo seguro e porte de satisfação. Poucos segundos depois, é a censuradora tia quem aparece, irritada, e manda-a